

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA - IFILO

HENRIQUE LEGAL SILVA

PROCESSO DE FORMAÇÃO DO PENSAMENTO DE MARX

Uberlândia-MG

2024

HENRIQUE LEGAL SILVA

PROCESSO DE FORMAÇÃO DO PENSAMENTO DE MARX

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de bacharel e licenciatura em Filosofia.

Área de concentração: Filosofia contemporânea

Orientador: Prof. Dr. Humberto Aparecido de Oliveira Guido

Uberlândia-MG

2024

HENRIQUE LEGAL SILVA

PROCESSO DE FORMAÇÃO DO PENSAMENTO DE MARX

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de bacharel e licenciatura em Filosofia.

Área de concentração: Filosofia contemporânea

Uberlândia, 26 de abril de 2024

Banca Examinadora:

Humberto Guido – Prof. Dr. (Orientador – UFU)

Maria Socorro Ramos Militão – Prof^a Dr^a – (Arguidora – UFU)

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu pai, minha mãe, meu irmão e minha avó, pela paciência e pelo imenso apoio que, sem as quais seria impossível concluir esse curso.

Aos meus amigos de SP, Danilo, Pê, Ricardo, Islanda, pela paciência, incentivo e carinho nessa caminhada que, sem as quais teria sido muito mais difícil.

Aos camaradas do PCB de SP, Carol, Wagner, Edmilson, Lucas, Wilson... Aos camaradas de Uberlândia, Lyon, Renato, Agnaldo, Biru, Gustavo, Elton, Fernanda, Pedro, Warley, Fabinho... pela paciência, aprendizados e ombros.

Aos amigos da filosofia, Geraldo, Rafa, Nélio, Enzo, Bruno, Ana Marina, Douglas, Bruna, Carlos, Yasmin, João e tantos mais pela paciência, apoio e carinho.

A tantos outros amigos e companheiros da universidade e da cidade, André PV, Cléo, Cleiton, Neto, Eliane, Flávia, Wilson, Felipe, Mario, Betânia, Gabriel, Daniel, Aline... pela paciência e carinho.

Agradeço ao meu orientador Humberto Guido, pela paciência e apoio e por todos ensinamentos. Aos meus professores da filosofia, Socorro, Luciene, Luiz, Anselmo, Fábio, pela paciência e pelas ótimas aulas. Ao Ericksén, pelo ótimo trabalho. Agradeço também a UFU e a coordenação do Instituto de Filosofia por todo o apoio.

Agradeço a Lorena, meu Mozão, companheira de vida, por toda paciência, amor e apoio que, sem as quais seria muito mais difícil e frio essa caminhada. Agradeço também a família dela, pela paciência carinho e apoio.

Por fim, agradeço todos, todas e todes, que de alguma forma me ajudaram nesses anos de curso e que eu não lembrei de citar aqui.

RESUMO

Este trabalho analisa a constituição do pensamento de Karl Marx (1818-1883), desde sua infância em Trier até sua atuação na Gazeta Renana, destacando os momentos cruciais de sua trajetória intelectual. Inicialmente, são exploradas as origens do pensamento de Marx, enraizadas no ambiente cultural do Iluminismo e do liberalismo progressista de sua educação familiar. Em seguida, investiga-se sua transição para o ambiente acadêmico de Bonn e Berlim, onde o filósofo refinou sua abordagem crítica sob a influência da filosofia hegeliana. O exame de sua tese de doutorado revela sua análise comparativa entre as filosofias de Demócrito e Epicuro, assim como suas implicações no contexto pós-hegeliano. A atuação de Marx na Gazeta Renana é examinada, evidenciando como suas ideias políticas e filosóficas se fundiram em uma abordagem engajada com as questões sociais de seu tempo. Por fim, este estudo busca enriquecer nossa compreensão do pensamento do autor, alertando-nos para não nos determos em simplificações que possam prejudicar nossa interpretação e capacidade de transformação da sociedade.

Palavras-chave: Jovem Marx, Materialismo Histórico Dialético, Hegel, Método.

ABSTRACT

This paper analyzes the formation of Karl Marx's thought (1818-1883), from his childhood in Trier to his involvement with the *Rheinische Zeitung*, highlighting the crucial moments of his intellectual trajectory. Initially, the origins of Marx's thought, rooted in the cultural environment of the Enlightenment and the progressive liberalism of his family education, are explored. Then, his transition to the academic environment of Bonn and Berlin is investigated, where the philosopher refined his critical approach under the influence of Hegelian philosophy. The examination of his doctoral thesis reveals his comparative analysis of the philosophies of Democritus and Epicurus, as well as their implications in the post-Hegelian context. Marx's work at the *Rheinische Zeitung* is examined, showing how his political and philosophical ideas merged into an engaged approach to the social issues of his time. Finally, this study seeks to enrich our understanding of the author's thought, warning us not to dwell on simplifications that could impair our interpretation and capacity for societal transformation.

Keywords: Young Marx, Dialectical Historical Materialism, Hegel, Method.

SUMÁRIO

Introdução.....	7
1. Biografia e contexto histórico.....	8
2. Marx universitário.....	10
3. A tese de doutorado.....	16
4. Gazeta Renana.....	22
5. Considerações finais.....	27
Referências.....	29

INTRODUÇÃO

Karl Marx, um dos pensadores mais influentes da história e da filosofia contemporânea, continua a exercer um impacto profundo nos debates intelectuais, políticos e sociais até os dias de hoje. Seu legado é vasto e multifacetado, abrangendo desde sua análise crítica do capitalismo até suas contribuições para a teoria social e econômica. No entanto, entender o desenvolvimento de seu pensamento não é tarefa simples. Requer uma análise cuidadosa de sua biografia, contexto histórico, formação intelectual e obras fundamentais.

Este trabalho propõe-se a examinar o processo de constituição do pensamento de Marx, a partir de seus próprios textos e dos textos de estudiosos de sua teoria, explorando os principais momentos de sua vida e obra. Dividido em cinco capítulos, o presente estudo começa com uma análise da biografia de Marx e do contexto histórico em que viveu, delineando os eventos e influências que moldaram sua visão de mundo. Em seguida, adentramos nos anos iniciais de estudo do filósofo, investigando suas experiências acadêmicas e os elementos que despertaram seu interesse pela filosofia e pela política.

No terceiro capítulo, concentramo-nos na tese de doutorado de Marx. Analisamos alguns momentos e aspectos de sua abordagem comparativa entre as filosofias de Demócrito e Epicuro, destacando as implicações dessa pesquisa para seu desenvolvimento teórico posterior. No quarto capítulo, exploramos o período em que Marx atuou na Gazeta Renana, examinando seu engajamento político e suas contribuições para o jornalismo progressista na Alemanha do século XIX.

Na conclusão, sintetizamos os principais tópicos deste estudo e exploramos suas implicações para uma compreensão desse período do pensamento de Marx. Destacamos a importância de evitar simplificações e ressaltamos o objetivo de contribuir não apenas para o estudo acadêmico, mas também para aqueles que buscam compreender e transformar a realidade social em que estamos inseridos.

1- Biografia e contexto histórico

Karl Marx nasceu em 1818 na cidade de Trier, uma província de maioria católica, que foi incorporada à Prússia após o Congresso de Viena em 1815 (território que atualmente é a Alemanha). De família judia, Marx foi batizado na fé cristã aos seis anos de idade, refletindo a complexidade de sua herança cultural e religiosa. Seu ambiente familiar e educacional foi marcado pela influência do Iluminismo e do pensamento progressista-liberal, especialmente pela forte presença de seu pai, cuja atuação jurídica teve um impacto significativo em sua formação. Além disso, Marx foi grandemente influenciado por Ludwig Von Westphalen (amigo de seu pai e futuro sogro), que lhe proporcionou lições sobre literatura, incluindo estudos sobre Homero, Shakespeare, entre outros (NETTO, 2020, p. 58-60).

Marx cresceu em território alemão que, no início do século XIX, apresentava características singulares em comparação com outras nações europeias. Enquanto a revolução burguesa já havia consolidado seu domínio na Inglaterra, na França e também nos Estados Unidos, as terras alemãs se encontravam atrasadas a esse processo. A ausência de um Estado nacional unificado e de um movimento significativo de industrialização atrasava o desenvolvimento do país. Mesmo após as guerras napoleônicas, a ordem feudal permanecia relativamente intacta na Alemanha, com um fraco desenvolvimento de relações mercantis e uma estrutura social polarizada entre o campesinato e a nobreza fundiária.

Apesar desse atraso material, a Alemanha desfrutava de um florescimento filosófico e cultural excepcional, marcado por figuras como Kant, Fichte e Hegel, além de uma rica tradição literária. No entanto, esse desenvolvimento cultural contrastava fortemente com as condições sociais e políticas do país. Marx identificou a "miséria alemã" como um problema fundamental, caracterizado pela falta de progresso social e político em contraste com a riqueza cultural e intelectual do país.¹

Durante sua juventude em Trier, Marx cresceu imerso em um ambiente intelectual estimulante, que o encorajou a prosseguir seus estudos acadêmicos. No entanto, ele teve pouco contato com a realidade material da vida da classe

¹ Miséria alemã: "A história alemã, é verdade, orgulha-se de um desenvolvimento que nenhuma nação no firmamento histórico realizou antes dela ou chegará um dia a imitar. Tomamos parte nas restaurações das nações modernas, sem termos tomado parte nas suas revoluções" – (MARX, 2010, p. 146)

trabalhadora. A cidade de Trier, durante seus anos de juventude, estava sob ocupação prussiana e não contava com políticas de desenvolvimento econômico, o que contribuiu para sua percepção posterior da "miséria alemã".

Considerando as informações disponíveis, é possível inferir que Marx desfrutou de uma infância e juventude relativamente confortáveis em Trier. Ele cresceu em um ambiente culto e, embora a família Marx não pertencesse à camada mais abastada em termos de renda, ainda assim estava entre os domicílios mais ricos da cidade. A presença de empregados domésticos sugere um certo padrão de vida. Além disso, o fato de apenas um dos nove filhos ter falecido prematuramente sugere que as crianças foram criadas com cuidado e atenção (HEINRICH, 2018, p. 152).

Não há evidências de grandes conflitos familiares ou problemas significativos na escola durante a infância e adolescência de Marx. Não há relatos de castigos físicos, indicando um ambiente doméstico e escolar relativamente tranquilo. Essas circunstâncias certamente contribuíram para sua formação intelectual sem grandes perturbações, proporcionando uma base sólida para seu futuro acadêmico e filosófico.

2- Marx universitário

Em 1835, Marx concluiu o ensino secundário e logo em seguida ingressou na Universidade de Bonn para iniciar o curso de Direito, em conformidade com os desejos e o apoio de seu pai. Durante seus dois semestres em Bonn, Marx mergulhou em uma intensa vida acadêmica e social. Matriculou-se em diversas disciplinas, incluindo algumas do curso de filosofia. Sua efetiva frequência nas disciplinas do Direito proporcionou-o uma sólida base jurídica, profundamente influenciada pelas ideias da escola histórica do direito, fundada por Gustav von Hugo e Friedrich Carl von Savigny. Essa abordagem ressaltava que o direito era moldado pela história e pela essência cultural de um povo, rejeitando as teorias do direito natural. Durante seus estudos, Marx teve a oportunidade de aprender com professores que compartilhavam dos fundamentos centrais da escola histórica do direito (HEINRICH, 2018, p. 197).

No entanto, sua estadia foi marcada não apenas por atividades acadêmicas, mas também por sua participação em clubes estudantis, noitadas boêmias e encontros literários. Essa vida agitada teve um custo para sua saúde, resultando em preocupações por parte de seu pai. Após enfrentar diversos desafios e contratemplos, Marx transferiu-se para a Universidade de Berlim em busca de um ambiente acadêmico mais adequado.

Ao ingressar na Universidade de Berlim em 1836, onde Hegel foi professor e reitor, Marx encontrou um ambiente acadêmico sério e estimulante, que contrastava com o que tinha experimentado em Bonn. Na Faculdade de Direito, permaneceu durante todo o período de seus estudos, mesmo quando sua atenção se dirigiu para a filosofia. A cidade, como capital da Prússia e residência do imperador, oferecia não apenas uma educação de qualidade, mas também uma atmosfera intelectual vibrante, com docentes qualificados e estudantes dedicados. Rapidamente, Marx se integrou nesse ambiente.

A morte de Hegel em 1831 marcou um ponto crucial na evolução da experiência intelectual alemã. A partir desse momento, a discussão filosófica não se limitava mais à busca por novos sistemas capazes de repensar a metafísica, como havia sido feito pelos idealistas alemães após Kant. Em vez disso, o foco passou a ser o próprio sistema filosófico de Hegel e sua interpretação. O pensamento de Hegel permeava todas as áreas da filosofia, devido à sua abordagem dialética que enfatizava o papel

do tempo, da história e da totalidade na compreensão da realidade. Assim, a partir da década de 1830, qualquer reflexão considerada relevante era obrigada a dialogar com as ideias de Hegel, seja para contestá-las ou reafirmá-las. Na universidade de Berlim, Marx encontrou um contexto de avançado processo de dissolução da filosofia clássica alemã, que teve em Hegel sua expressão máxima (NETTO, 2020, p. 65-70).

No curso de direito frequentado por Marx, a influência do pensamento de Hegel era significativa. Dois dos seus professores, Eduard Gans (que Marx tinha grande admiração), considerado o mais importante hegeliano, e Friedrich Carl von Savigny (a quem Marx faz duras críticas, posteriormente), destacado representante da escola histórica do direito, introduziam debates sobre a *Filosofia do Direito* de Hegel (HEINRICH, 2018, p. 239). A transição de Marx para a filosofia hegeliana permanece como um ponto de especulação, dada a escassez de fontes primárias. O principal ponto de referência para essa questão é uma carta enviada ao seu pai em 10 de novembro de 1837, na qual veremos com mais detalhes. Para Lukács, somente com o estudo das obras de Hegel, que Marx adentra no mundo da filosofia de forma efetiva:

“Estes são os momentos históricos relevantes no processo de desenvolvimento do jovem Marx. É ele mesmo quem, na longa carta ao pai de 10 de novembro de 1837, relata o modo pelo qual, aos 19 anos, depois de uma breve mas intensa luta interna, apropriou-se da filosofia hegeliana e entrou em contato com os jovens hegelianos radicais. Fazem parte das tarefas que cabem a uma exposição biográfica de sua vida a análise do seu Sturm und Drang poético e filosófico, de sua busca romântica de realização na literatura e na poesia, bem como da temporária influência exercida sobre ele pelo idealismo subjetivo de Kant e Fichte. Sua formação filosófica propriamente dita, contudo, teve início apenas com o aprendizado da filosofia hegeliana. Somente então é que ele começa a existir para a história universal.” (LUKÁCS, 2009, p. 123)

Ao explorar a trajetória intelectual de Marx, é fundamental abordar mesmo que de forma breve o pensamento de Hegel. A relação do autor com Hegel foi profunda e permanente, refletindo o conceito hegeliano de superação, que envolve tanto negação quanto conservação. Marx criticou e incorporou criticamente elementos essenciais do pensamento de Hegel, elevando-os a um novo nível em sua própria obra. Portanto, compreender a influência de Hegel é crucial para uma compreensão completa do pensamento de Marx. No entanto, dada a extensão e complexidade desse tema, este trabalho se concentrará exclusivamente no desenvolvimento do pensamento de Marx a partir de suas próprias obras, com o suporte de comentadores marxistas. Portanto,

faremos uma breve contextualização da filosofia de Hegel e, em seguida, examinaremos os debates que Marx conduz em seus escritos em relação ao pensamento hegeliano.

No início de sua jornada filosófica, Hegel criticou o idealismo subjetivo de Kant e Fichte, estabelecendo assim o idealismo objetivo. Nesse contexto, desenvolveu um sistema filosófico abrangente que incluía a história, a natureza e a sociedade. Para Hegel, a história era vista como um processo de autodesenvolvimento do Espírito, refletido na natureza e na sociedade. Tanto o Espírito quanto o mundo eram concebidos como processos dinâmicos, impulsionados por contradições internas. Esse dinamismo resultava em transformações qualitativas, culminando na reconciliação entre o Espírito e o mundo em uma nova totalidade. Esse processo histórico era guiado por uma racionalidade inerente ao Espírito (NETTO, 2020, p. 72).

Engels, em seu ensaio de 1886, destaca a abrangência do sistema filosófico de Hegel, que resume todo o desenvolvimento filosófico ocidental, desde os gregos até seus contemporâneos. Ele reconhece que, embora tenha limitações, o sistema hegeliano permitiu a compreensão das determinações fundamentais da realidade social. Engels observa uma contradição entre o método dialético revolucionário de Hegel e seu sistema conservador, exemplificado na concepção hegeliana do fim da história, que atribuía um valor absoluto às instituições de seu tempo. Essa contradição reflete a tendência conservadora de Hegel, apesar de sua abordagem metodológica inovadora e revolucionária (NETTO, 2020, p. 74).

Após a morte de Hegel em 1831, seu sistema filosófico, inicialmente compatível com o regime prussiano, começou a ser interpretado de maneira divergente devido às crescentes contradições internas e implicações sociopolíticas na Alemanha. O rápido desenvolvimento econômico e social expôs as fragilidades do sistema hegeliano, que não conseguiu se adaptar ao novo contexto histórico. A revolução de 1830 e o avanço do liberalismo minaram ainda mais a compatibilidade entre o sistema conservador de Hegel e sua metodologia dialética revolucionária (NETTO, 2020, p. 75).

A partir de 1837, surgiu uma intensa disputa pelo legado filosófico de Hegel, marcada pelas divergências entre Savigny e Gans, que culminaram na formação de duas facções distintas: uma ala direita, que se mostrava conservadora devido à sua interpretação teológica, buscando legitimar a ordem política vigente, e uma ala esquerda, formada pelos jovens hegelianos, que em Berlim, fundaram o *Doktorklub* (Clube dos Doutores) como uma associação informal de intelectuais com formação

acadêmica ou em processo de conclusão, liderada por Bruno Bauer (1809-1882) e apoiada por Karl Friedrich Köppen (1808-1863), Adolf Rutenberg (1808-1869) e Arnold Ruge (1802-1880). No ano seguinte, Ruge começou a editar o periódico *Hallische Jahrbücher* (Anais de Halle), que promovia as ideias da ala esquerda, centradas em uma abordagem crítica da teologia e na tentativa de libertar o hegelianismo do misticismo, defendendo uma aproximação da filosofia à vida, influenciada pela obra de Feuerbach. Apesar das diferenças entre os membros do Clube dos Doutores, eles desempenharam um papel significativo na cena intelectual da Alemanha durante a transição dos anos 1830 para os 1840 (NETTO, 2020, p. 77).

Nesses primeiros anos de Marx em Berlim, ele fez uma profunda reflexão sobre a filosofia do direito, influenciado pelas ideias de Kant e Fichte. Após discordar da abordagem desses filósofos, iniciou uma leitura sistemática de Hegel e começou a se envolver na batalha de ideias em curso. A única carta que temos dele deste período, datada de 10 de novembro de 1837, revela sua intensa atividade intelectual, incluindo leituras de autores clássicos e contemporâneos, traduções e estudo de línguas, na qual, detalha a sua reflexão no campo da filosofia do direito, revelando que elaborou um extenso manuscrito, uma "introdução à filosofia do direito" de cerca de trezentas páginas, embora não o tenha concluído. Ele compartilhou o esquema geral deste trabalho com seu pai na carta mencionada, ao mesmo tempo em que realizou uma rigorosa autocrítica de seu próprio trabalho (NETTO, 2020, p. 78).

Na carta, Marx expressa uma profunda reflexão sobre a metodologia empregada em seu estudo sobre filosofia do direito. Ele critica sua abordagem metafísica que separa os princípios do direito real, destacando-a como uma característica do idealismo, especialmente evidente na obra de Fichte. No entanto, ele reconhece que sua própria abordagem é mais moderna, porém carente de conteúdo substancial. Além disso, ele faz uma análise crítica da "forma não científica do dogmatismo matemático" (HEINRICH, 2018, p. 532) que empregou, apontando que essa forma limita a compreensão do verdadeiro ao raciocinar de maneira estática, sem permitir observar o desenvolvimento dinâmico do objeto de estudo. Ele contrasta essa abordagem com a necessidade de observar o objeto em seu desenvolvimento concreto e diz que "a razão da própria coisa tem de encontrar sua unidade em si, como um desdobrar-se conflituoso" (HEINRICH, 2018, p. 533), especialmente em áreas como direito, natureza e filosofia, onde divisões arbitrárias não se aplicam.

Ainda na carta, ao passar para a segunda parte de seu estudo, Marx aborda a análise do desenvolvimento das ideias no direito positivo romano, e reconhece um equívoco compartilhado com Savigny, ao dividir a doutrina em formal e material. Enquanto Savigny define a doutrina formal como a posição tomada por cada doutrina no sistema romano, Marx diferencia-se ao considerar a forma como a arquitetura necessária da formação do conceito e a matéria como a qualidade indispensável dessa formação. Porém ele reconhece que:

“O erro [na execução de seu projeto] foi acreditar que um poderia e deveria desenvolver-se separadamente do outro, não contendo, assim, uma forma real, mas, antes, algo como uma escrivaninha com gavetas que eu, mais tarde, encheria de areia.
[...] Então, cheguei a uma divisão que o sujeito só poderia elaborar, no máximo, para uma classificação simples e superficial, enquanto o espírito do direito e sua verdade pereciam.” (HEINRICH, 2018, p. 533-534)

Essa distinção evidencia a tentativa de Marx de buscar uma nova perspectiva teórico-metodológica, superando as limitações do idealismo subjetivo (Fichte-Kant) em favor de uma abordagem mais concreta e dialética. Como ele expressa posteriormente na carta, essa mudança representa uma transição da busca pela ideia no idealismo para a procura da ideia no próprio real, refletindo uma mudança de paradigma onde “os deuses que antes habitavam acima da Terra agora são concebidos como o centro dela.” (HEINRICH, 2018, p. 537)

Marx expressa seu descontentamento inicial com a filosofia hegeliana, descrevendo-a como algo desagradável. No entanto, seu interesse renovado pela obra de Hegel foi motivado por um propósito específico: compreender a natureza do espírito de forma mais essencial, concreta e precisa, equiparando-a à compreensão da natureza física. Desse modo, Marx mergulhou na obra de Hegel, estudando-a de forma abrangente, tudo que havia sido publicado e também os trabalhos de seus alunos. Sua imersão na filosofia hegeliana foi intensificada pelos encontros com amigos, onde participou de discussões no Clube dos Doutores, ao lado de alguns professores e seu amigo íntimo, Dr. Rutenberg. Nessas interações, Marx foi gradualmente atraído pela filosofia hegeliana, conhecida como a filosofia mundana, da qual ele se tornou cada vez mais cativado, apesar de suas visões contrárias anteriores, demonstrando assim uma mudança significativa em sua perspectiva filosófica (HEINRICH, 2018, p. 538).

A partir do terceiro semestre na Universidade de Berlim, Marx teve uma grande mudança em seus interesses acadêmicos, transitando do estudo do direito para a filosofia. Essa transição foi marcada pela influência de Bruno Bauer, líder do Clube dos doutores, com quem Marx desenvolveu uma relação pessoal sólida. Bauer tratava Marx como um igual e não como um simples seguidor, contribuindo para sua decisão de priorizar a filosofia em detrimento do direito. Assim, no segundo semestre de 1839, Marx abandonou definitivamente os estudos jurídicos para se dedicar integralmente à filosofia, preparando-se para sua dissertação de doutorado. Durante o período entre o final de 1839 e todo o ano de 1840, mergulhou profundamente na história da filosofia, realizando uma pesquisa intensiva e minuciosa.

Marx registrou suas reflexões em oito cadernos, abordando temas como ceticismo, epicurismo e estoicismo, além de estudar obras de Aristóteles, Diógenes Laércio, Espinosa, Leibniz, entre outros. Esses materiais demonstram que Marx estava plenamente familiarizado com a concepção hegeliana da história da filosofia, superando os limites do idealismo subjetivo e formulando juízos autônomos e distintos dos avançados por Hegel em sua própria História da filosofia (NETTO, 2020, p. 81-84).

3- A tese de doutorado

A tese de doutoramento de Marx, intitulada *Diferença entre a filosofia da natureza de Demócrito e a de Epicuro*, escrita em 1841, marca um ponto crucial na trajetória intelectual do jovem Marx. O trabalho não se limita a uma análise comparativa entre as filosofias de Demócrito e Epicuro, vai além, revelando as preocupações profundas do autor diante de seu tempo e do cenário filosófico pós-hegeliano.

Antes de adentrar em alguns aspectos de sua tese, é fundamental compreender o contexto no qual Marx se inseria. Como membro ativo da esquerda hegeliana, Marx estava imerso em um ambiente intelectual fervilhante, onde se discutiam arduamente os rumos da filosofia e da política. Nesse contexto, Marx se destacava não apenas pela sua erudição e profundidade conceitual, mas também por sua postura crítica em relação à filosofia de Hegel, tanto no aspecto político quanto no filosófico.

Enquanto muitos jovens hegelianos se limitavam a uma interpretação superficial da filosofia de Hegel, Marx buscava romper com as amarras do pensamento hegeliano, indo além das distinções simplistas entre um Hegel esotérico e um Hegel exotérico². Sua crítica era mais abrangente, direcionando-se não apenas contra aspectos superficiais da filosofia hegeliana, mas também contra suas contradições fundamentais e sua base ideológica.

Assim, quando Marx se debruça sobre as diferenças entre as filosofias da natureza de Demócrito e Epicuro em sua tese, que segundo ele, não foram reconhecidas ao longo da história da filosofia, ele o faz com o objetivo claro de ir além das concepções idealistas predominantes na época. Sua intenção não é apenas desmistificar preconceitos entre as visões desses filósofos, mas sim compreender o significado de um materialismo que internaliza a contingência e assim abre caminho para a liberdade, capaz de enfrentar os desafios colocados pelo pensamento determinista que dominava naquele período.

Demócrito e Epicuro, figuras proeminentes do materialismo na antiguidade, eram muitas vezes relegados a uma importância secundária por Hegel, que os

² De acordo com Lukács (2009) “Uma posição generalizada do movimento jovem-hegeliano radical era a de distinguir o Hegel esotérico (que, por baixo do pano, teria sido ateu e revolucionário) do Hegel exotérico (que teria sido dócil ao poder político de sua época).”

considerava praticamente idênticos. No entanto, Marx tinha uma visão diferente, apreciando especialmente o ateísmo de Epicuro e reconhecendo suas contribuições em relação às elaborações de Demócrito. Enquanto Hegel generalizava suas concepções, Marx viu a necessidade de uma análise mais profunda e diferenciada. Ao realizar esse estudo, Marx não apenas reavivou a importância do materialismo, mas também buscou identificar a presença da dialética nas obras dos dois filósofos. Uma das conclusões de Marx foi a de que apenas Epicuro demonstrava consciência da contradição, enquanto Demócrito parecia não se preocupar com ela. Como afirmou: "Está claro que Demócrito não toma consciência da contradição; ela não o ocupa, ao passo que constitui o interesse principal de Epicuro." (MARX, 2018, p. 99).

Marx sustentou que Demócrito rejeitava a noção de acaso, e que em um de seus textos conservados, é dito que "os seres humanos simulam para si a imagem ilusória do acaso – manifestação de sua própria perplexidade, pois o acaso conflita com um pensamento consistente" (MARX, 2018, p. 46). Em contrapartida, Epicuro introduzia elementos iniciais de uma compreensão dialética do acaso. Para ele, onde havia acaso, também existia a possibilidade de escolha e liberdade, como vemos no trecho:

Em contraposição, Epicuro diz:

A necessidade, introduzida por alguns como a senhora de tudo, não o é; algumas coisas são fruto do acaso, outras dependem do nosso arbítrio. A necessidade não pode ser persuadida; o acaso, em contraposição, é inconstante. Seria melhor, realmente, aceitar o mito sobre os deuses do que aceitar ser escravo da εἰμαρμένη [heimarméne] dos físicos. Pois aquele permite ter esperança na misericórdia por causa da honra dos deuses, e esta, porém, é uma necessidade inflexível. Mas o que se deve pressupor é o acaso, não Deus, como crê a multidão.

É uma desgraça viver na necessidade, mas viver na necessidade não é uma necessidade. Estão abertos em toda parte os caminhos para a liberdade, que são muitos, curtos e fáceis.

Agradeçamos, pois, a Deus que ninguém pode ser detido na vida. É permitido domar a própria necessidade (MARX, 2018, p. 46)

Marx enfatiza que, ao contrário de Demócrito, que interpreta o mundo sensível como uma mera ilusão, Epicuro o considera uma expressão objetiva. Nessa distinção consciente, Epicuro compartilha os princípios de Demócrito, mas não os limita à mera especulação das qualidades sensoriais (MARX, 2018, p. 42). Noutro trecho Marx analisa que:

Demócrito, para quem o princípio não ingressa na manifestação, permanecendo sem realidade e existência, depara-se, em contraposição, com o mundo da percepção sensível como real e pleno de conteúdo. Ele, de fato, é aparência subjetiva e, justamente por isso, dissociada do princípio, mantida em sua realidade autônoma; sendo, ao mesmo tempo, único objeto real, é como tal que ele tem valor e significado. Em consequência, Demócrito é impelido para a observação empírica. Insatisfeito na filosofia, lança-se nos braços da ciência positiva. (MARX, 2018, p. 43)

Marx conclui que historicamente Demócrito adota a necessidade como princípio explicativo, enquanto Epicuro prefere o acaso. Ambos rejeitam firmemente a concepção oposta. Para Demócrito, a necessidade se revela na natureza finita como necessidade relativa, ou seja, como determinismo. Essa necessidade relativa é derivada da possibilidade real, que é mediada por uma série de condições, causas e razões. Demócrito utiliza a explicação da possibilidade real como base para sua abordagem (MARX, 2018, p. 47)

Marx contrapõe as ideias de Demócrito às de Epicuro da seguinte maneira: Epicuro, mais uma vez, adota uma posição diretamente oposta à de Demócrito, pois, para ele, o acaso é apenas uma realidade que possui valor como possibilidade. No entanto, a possibilidade abstrata é precisamente o oposto do real. Enquanto este último está limitado por fronteiras definidas, como o entendimento, o primeiro é ilimitado, como a fantasia. A possibilidade real busca fundamentar a necessidade e a realidade de seu objeto; a possibilidade abstrata, por outro lado, não se concentra no objeto explicado, mas no sujeito que o explica. O objeto só precisa ser possível e pensável. O que é abstratamente possível, o que pode ser pensado, não representa um obstáculo para o sujeito pensante, não é uma limitação. Se essa possibilidade também se torna real, não é relevante, pois o interesse não se estende ao objeto em si (MARX, 2018, p. 48).

Assim, Marx entende que Epicuro não busca apenas uma explicação determinista para os fenômenos, mas sim demonstrar a verdadeira contingência como uma forma de realidade mais ampla. Ele não se limita a uma única causa para explicar eventos, como fazia Demócrito. Para Epicuro, todas as possibilidades são válidas, pois ele considera o possível como real. Ele equipara o acaso do ser ao acaso do pensamento, atribuindo à determinação do possível a mesma qualidade de realidade que a experiência sensorial direta.

Marx ressaltou que Demócrito restringiu-se a uma abordagem filosófica da natureza, ao passo que Epicuro ampliou seu escopo ao incorporar elementos da vida humana e social em sua doutrina atomística. Essa diferença é significativa, pois permite a Epicuro pensar as instituições sociais como produtos não apenas de processos naturais, mas também de acordos sociais, como contratos e amizades. Assim, enquanto Demócrito se concentrou exclusivamente na natureza, Epicuro expandiu sua análise para incluir aspectos da sociedade e das relações humanas, demonstrando uma abordagem mais abrangente e contextualizada (LUKÁCS, 2009, p. 129)

Na visão de Marx, a abordagem de Epicuro em relação à natureza era vista como um elemento libertador para a humanidade. Para ele, a capacidade de compreender a natureza e desvendar seus mistérios representava uma oportunidade para os seres humanos se emanciparem do medo que tinham em relação a ela. Isso implicava reconhecer o ser humano como parte integrante da natureza, capaz de dominá-la por meio do conhecimento. Essa perspectiva era uma contribuição significativa para entender a relação entre o homem e a natureza, pois evidenciava o papel revolucionário da filosofia ao mediar essa relação.

A ação de desvendar e compreender a natureza não apenas permitia o conhecimento do mundo exterior, mas também possibilitava uma compreensão mais profunda de si mesmo, capacitando o ser humano a elaborar conceitos e ideias sobre o mundo. Assim, o temor diante de uma natureza desconhecida se transformava em uma vontade incessante de explorar e entender. Isso conferia ao ser humano um papel ativo na natureza, permitindo-lhe especular, questionar, explicar e transformar o mundo ao seu redor.

Dessa forma, o mundo material se tornava a base do pensamento filosófico, pois toda reflexão e ação humana derivavam da interação com a natureza. A filosofia, por sua vez, era vista como parte integrante desse processo, uma expressão do mundo concreto e uma forma de mediação entre a humanidade e a natureza. Assim, a compreensão da realidade material se dava de forma mediada pelo pensamento filosófico, que, por sua vez, refletia e influenciava a dinâmica da relação entre os seres humanos e a natureza.

Quando as causas do pensamento e da filosofia são demonstradas e validadas como realizáveis, elas deixam de pertencer ao domínio da filosofia, entendida como

formas especulativas de conceitos, e passam a ser reconhecidas como produtos efetivos. Como Marx argumentou em sua tese:

"Só que a própria práxis da filosofia é teórica. É a crítica que mede a existência individual pela essência e a realidade específica pela ideia. Só que, em sua essência mais íntima, essa realização imediata da filosofia está marcada por contradições, e essa essência toma forma no fenômeno e lhe imprime seu selo." (MARX, 2018, p. 65)

Portanto, quando algo é compreendido, ocorre a satisfação de uma necessidade interna do ser humano, que anteriormente estava sem solução ou mediações concretas com a realidade. Ao suprir essa necessidade, que se manifestava como uma questão filosófica, a própria questão filosófica é resolvida, pois a filosofia foi posta em prática, e então novos problemas podem surgir.

Marx Argumenta que quando a filosofia, impulsionada pela vontade de se realizar, volta-se para o mundo fenomênico, ela deixa de ser um sistema autossuficiente e completo para se tornar parte desse mundo, confrontando-se com ele. Essa mudança de perspectiva a torna reflexiva em relação ao mundo, rompendo com sua anterior plenitude e interioridade. Ele ilustra essa transformação ao afirmar que "O que era luz interior tornou-se chama devoradora que se voltou para fora" (MARX, 2018, p. 65). Isso significa que o processo de tornar-se filosófico do mundo coincide com um tornar-se *mundano* da filosofia.

Essa realização da filosofia, no entanto, implica em sua perda, pois ao confrontar e combater o mundo exterior, ela revela suas próprias deficiências interiores. Marx destaca que, na luta contra essas deficiências, a filosofia incorre nos danos que combate, e só pode suprimi-los ao enfrentá-los. Assim, aquilo que a filosofia encontra e combate fora de si mesma é, na verdade, uma manifestação de suas próprias características, porém em uma perspectiva invertida (MARX, 2018, p. 65).

Marx, considerando a base filosófica hegeliana, porém sem aceitá-la como o último sistema completo, visava encontrar um materialismo que não caísse em uma visão determinista do mundo, mas que reconhecesse a realidade efetiva como dinâmica. Nesse contexto, a dialética de Hegel se relacionava com o materialismo de Demócrito, já que ambos buscavam descrever os processos de constituição do real limitados a uma totalidade predefinida pelas circunstâncias.

Epicuro destacava-se como um filósofo materialista único, não alinhado com a tradição filosófica materialista, pois, ao introduzir o elemento do acaso e da contingência em sua teoria do atomismo, proporcionava uma abordagem que permitia a demonstração da liberdade individual e a transformação da natureza. Essa perspectiva atraiu Marx, pois oferecia uma maneira de repensar a sociedade a partir da liberdade.

Portanto, ao sustentar a viabilidade da liberdade dentro do materialismo, Marx estava introduzindo implicações revolucionárias. Ele argumentava que somente ao garantir a liberdade é possível conceber, de maneira concreta, a práxis (Em 1845, nas *Teses sobre Feurbach* esse pensamento aparecerá mais consolidado). Dessa forma, podemos inferir que a tese de doutorado já abrigava os prenúncios do projeto de Marx de elaborar um materialismo que fundamentasse filosoficamente a liberdade humana, o que mais tarde se desenvolveria no materialismo histórico (MOTA, 2018, p. 21-22).

4- Gazeta Renana

O período em que Marx atuou na Gazeta Renana foi um momento crucial em sua trajetória, marcando sua entrada decisiva no campo político. Ao analisarmos essa fase, é importante considerar não apenas o contexto histórico do jornal, mas também como as posições político-filosóficas de Marx se relacionavam com o que ele já havia desenvolvido. Conforme destacou Lukács:

"O método destes brilhantes ataques jornalísticos de Marx contra a Prússia reacionária já se havia evidenciado na tese de doutorado: tal método consiste naquele específico hegelianismo radical, ao qual o jovem Marx chegara nos anos dos estudos universitários." (LUKÁCS, 2009, p. 137)

Essa conexão entre o método filosófico de Marx e sua prática jornalística na Gazeta Renana é fundamental para compreender não apenas sua abordagem crítica, mas também o desenvolvimento de seu pensamento.

O jornal Gazeta Renana, fundado em janeiro de 1842, sucedeu à Gazeta Geral da Renânia, estabelecida em 1840 por membros da burguesia liberal descontentes com a Gazeta de Colônia, que não representava adequadamente seus interesses econômicos e sociais. A forte concorrência da Gazeta de Colônia dificultou a consolidação da Gazeta Geral da Renânia, que encerrou suas atividades em 8 de dezembro de 1841. Posteriormente, foi adquirida por um grupo de empresários, resultando na criação da Gazeta Renana, editada até abril de 1843.

Essa iniciativa refletia a necessidade de novos veículos de imprensa mais liberais e progressistas, alinhados aos ideais políticos e ideológicos emergentes na Alemanha da época. O rápido desenvolvimento industrial impulsionou o crescimento da burguesia como uma classe específica com suas próprias demandas, anteriormente excluída do Estado Prussiano, dominado pela aristocrática. Surgiu, então, um conflito entre os interesses da burguesia em ascensão, com seu crescente poder econômico, e a estrutura política existente na Alemanha.

A imprensa tornou-se um veículo fundamental para expressar esses conflitos de interesses, sendo um espaço onde a burguesia buscava promover suas reivindicações. Suas principais demandas eram "a criação do Estado alemão único e poderoso, capaz de favorecer e proteger seus interesses econômicos; a abolição de

todos os privilégios; uma constituição liberal e o regime parlamentar com liberdade de reunião e de imprensa" (CORNU, 1965, p. 226).

“A Gazeta Renana nasceu precisamente dessa perspectiva, tendo por tarefa levar à opinião pública, de modo universal, tanto as exigências materiais e imediatas da burguesia local, quanto os novos ideais políticos e filosóficos que o pensamento liberal propugnava. O percurso do diário foi marcado por conflitos tanto com o poder político local, quanto com o governo central de maneira que se converteu num dos diários mais censurados da época.” (EIDT, 1998, p. 11)

Durante o período entre a conclusão de sua tese em abril de 1841 e sua entrada na Gazeta Renana no começo de 1842, Marx dedicou-se intensamente a estudos filosóficos e trabalhos jornalísticos. Ele colaborou com Bruno Bauer na publicação da *Trombeta do Juízo Universal contra Hegel Ateu e Anticristo*, onde buscava expor o ateísmo e o anticlericalismo de Hegel. E também, Marx leu *A Essência do Cristianismo* de Feuerbach, compreendendo imediatamente sua importância como uma transição para o materialismo na filosofia alemã (LUKÁCS, 2009, p. 131-132).

Diante do cenário político e da inviabilidade de se inserir na academia, Marx e outros jovens hegelianos viram no jornalismo uma alternativa profissional viável. A ascensão de Frederico Guilherme IV ao trono em 1840, inicialmente encarada com esperança pelos neo-hegelianos, revelou-se rapidamente como uma postura reacionária. O novo rei proibiu revistas hegelianas e expulsou professores das universidades, culminando na demissão de Bruno Bauer em 1842. Essa ação do Estado prussiano forçou os hegelianos a abandonarem suas atividades acadêmicas e a se engajarem na oposição política, unindo-se à burguesia renana (LÖWY, 2012, p. 64-65).

O ano de 1842 marcou um momento decisivo na trajetória intelectual e política de Marx. Ao alinhar-se com as ideias de Feuerbach e iniciar uma crítica à filosofia do direito de Hegel, Marx deu os primeiros passos rumo à fundação do materialismo histórico. Esse período marcou o início de uma jornada intelectual que o levaria a superar os principais resultados da filosofia alemã, avançando além de Hegel no sentido do materialismo e além de Feuerbach na crítica política (LUKÁCS, 2009, p. 133).

Nos primeiros meses de 1842, Marx mergulhou na atividade jornalística ao iniciar sua colaboração na Gazeta Renana, tornando-se diretor do jornal em outubro

do mesmo ano. Embora essa ocupação tenha temporariamente adiado seus propósitos filosóficos, seu envolvimento nas lutas políticas apenas acelerou seu desenvolvimento intelectual. Como diretor da Gazeta Renana, Marx buscou a unificação de todas as forças progressistas alemãs contra o regime reacionário de Frederico Guilherme IV. Ele delineou como objetivo principal do jornal "deslocar para a Alemanha os numerosos olhares fixados na França e fazer assim nascer um liberalismo alemão e não francês" (LUKÁCS, 2009, p. 133). Essa visão demonstra sua determinação em construir um movimento progressista genuinamente alemão.

Essa iniciativa de unir as diversas forças progressistas na Alemanha e mobilizar contra o absolutismo, rapidamente colocou Marx em conflito com seus antigos colegas de Berlim. Ele criticou veementemente os jovens hegelianos por sua abordagem superficial em relação ao comunismo, reconhecendo o perigo de conflitos que poderiam resultar no fechamento da Gazeta Renana. Comprometeu-se então a realizar uma análise aprofundada do comunismo e uma crítica minuciosa das teorias comunistas.

Além disso, Marx criticou os jovens hegelianos por sua imaturidade política ao negligenciarem as tarefas centrais na luta contra o absolutismo feudal, concentrando-se apenas na crítica da religião e na difusão do ateísmo. Ele argumentou que a crítica da religião deveria ser fundamentada na crítica das condições políticas, refletindo sua compreensão ainda que de forma inicial, das determinações histórico materialistas da religião. O breve período em que Marx trabalhou na Gazeta Renana representa um marco importante tanto para o jornalismo democrático-burguês na Alemanha quanto para seu próprio desenvolvimento intelectual. Marx abordou os problemas como um democrata radical e um jacobino, embora já estivesse evidente nele uma dialética revolucionária consciente que substituía as ideias do Contrato Social (LUKÁCS, 2009, p. 135).

Ao contribuir para a Gazeta Renana, Marx não deixou escapar nenhuma oportunidade oferecida pela política cotidiana para consolidar e impulsionar a união das forças progressistas, especialmente ao expor os aspectos reacionários do regime. Ele enfrentou vigorosamente projetos de lei reacionários, instruções de censura do monarca e a proibição de jornais, além de publicar ensaios ideológicos e combater a reação tanto no âmbito econômico quanto social.

Os ataques jornalísticos de Marx contra a Prússia reacionária refletiram um método inspirado no hegelianismo radical. Esse método, que já se evidenciava na

tese de doutorado de Marx, enfatizava a necessidade de a filosofia tornar-se prática, relacionando-se com “a existência singular da essência e a realidade particular da ideia” (LUKÁCS, 2009, p. 137). Apesar desse método inspirado no idealismo hegeliano, já se evidenciava uma enorme distância entre o jovem Marx e Hegel, pois, à medida que Marx mantinha a identificação idealista-objetiva de ideia e realidade, Marx retirava dela consequências metodológicas opostas às de Hegel. Marx defendia um Estado revolucionário e democrático, oposto à concepção hegeliana do Estado, e sua crítica às condições alemãs da época era excepcionalmente concreta, tanto histórica quanto socialmente.

Um exemplo importante da abordagem metodológica de Marx foi sua crítica à lei sobre os furtos de lenha, na qual destacou o contraste entre os direitos consuetudinários dos pobres e os privilégios dos proprietários dos bosques. Marx argumentava que os direitos dos pobres representavam antecipações do direito futuro e eram legítimos, enquanto os privilégios dos proprietários eram usurpações.

Nesse período como diretor da Gazeta Renana, Marx, embora ainda jovem e sem amplo conhecimento da história econômica, destacou-se como um fervoroso jacobino no campo político e um idealista na esfera filosófica. Suas polêmicas contra as pretensões capitalistas da classe feudal e burguesa representaram a culminação teórica e literária do jacobinismo plebeu. Entre 1842 e 1843, Marx percorreu, de forma teórica, o caminho já trilhado praticamente pelo jacobinismo, mas em um contexto histórico marcado pelo triunfo da revolução industrial e pelo declínio da filosofia alemã. Isso resultou em uma crise teórica que, mais tarde, gerou o socialismo científico, fundamentado no materialismo dialético e histórico. No Prefácio de *Contribuição à Crítica da Economia Política* de 1859, Marx interpretou seus trabalhos na Gazeta Renana como o primeiro passo em direção ao socialismo:

Minha área de estudos era a jurisprudência, à qual, todavia, eu não me dediquei senão de um modo acessório, como uma disciplina subordinada relativamente à Filosofia e à História. Em 1842-1843, na qualidade de redator da Gazeta Renana, encontrei-me, pela primeira vez, na embaraçosa obrigação de opinar sobre os chamados interesses materiais. Os debates do Parlamento regional renano sobre os delitos florestais e o parcelamento da propriedade fundiária, a polêmica oficial que o sr. Von Schaper, então governador da província renana, travou com a Gazeta Renana sobre as condições de existência dos camponeses do Mosela, as discussões, por último, sobre o livre-câmbio e o protecionismo proporcionaram-me os

primeiros motivos para que eu começasse a me ocupar das questões econômicas. (MARX, 2008, p. 46)

5- Considerações finais

Ao longo deste estudo, adentramos em alguns momentos e aspectos da trajetória intelectual de Karl Marx, desvendando os intrincados caminhos que o conduziram desde sua infância em Trier até sua atuação incisiva na Gazeta Renana. Neste percurso, não apenas testemunhamos a jornada de um sujeito, mas sim o processo de formação de um método revolucionário: o materialismo histórico dialético.

Exploramos brevemente as origens do pensamento de Marx, enraizadas no contexto efervescente do Iluminismo e do liberalismo progressista que caracterizava sua educação familiar. Essa dualidade entre a riqueza cultural e a estagnação social na Alemanha do século XIX serviu como o terreno propício onde germinaram as sementes de sua crítica radical ao sistema vigente.

A mudança para o ambiente acadêmico de Bonn e, posteriormente, Berlim, representou um ponto de inflexão crucial na trajetória intelectual de Marx. Sob a influência da filosofia hegeliana e dos acalorados debates dos jovens hegelianos, Marx refinou sua abordagem crítica, desafiando os fundamentos do idealismo hegeliano e forjando os pilares de sua própria visão de mundo.

Ao abandonar os estudos jurídicos para se dedicar à filosofia, Marx mergulhou profundamente na história da filosofia, registrando suas reflexões em cadernos dedicados a temas como ceticismo, epicurismo e estoicismo. Essa fase de sua vida acadêmica demonstra não apenas sua profunda familiaridade com a filosofia hegeliana, mas também sua capacidade de formular juízos autônomos e distintos dos avançados por Hegel.

A tese de doutorado de Marx representa um marco significativo em sua trajetória intelectual, não apenas por sua análise comparativa das filosofias de Demócrito e Epicuro, mas também por suas implicações no contexto pós-hegeliano. Ao criticar a filosofia de Hegel e identificar as divergências entre Demócrito e Epicuro, Marx destaca a presença da dialética e a importância da liberdade no materialismo. Sua tese não só reaviva a relevância do materialismo na filosofia, mas também estabelece as bases para o desenvolvimento de seu método.

No exame crítico realizado por Marx, destaca-se a análise da dialética presente nas obras de Demócrito e Epicuro, revelando como Epicuro introduziu o conceito do acaso e da contingência, fundamentais para uma abordagem mais ampla e libertadora do materialismo. Além disso, sua abordagem da transformação social, ao incluir

aspectos da sociedade e das relações humanas, aponta para uma visão mais abrangente da filosofia, sinalizando implicações revolucionárias.

O período de atuação de Marx na Gazeta Renana foi crucial, marcando a fusão de suas ideias políticas e filosóficas em uma abordagem engajada com as questões sociais de seu tempo. Sua prática jornalística evidenciou a coerência de seu pensamento, revelando uma análise fundamentada nas condições socioeconômicas da época.

Ao confrontar o regime reacionário de Frederico Guilherme IV, Marx não só demonstrou sua determinação política, mas também sua compreensão aguda das contradições sociais. Seu envolvimento na Gazeta Renana influenciou o jornalismo democrático-burguês na Alemanha, inspirando outros a se engajarem na luta por uma sociedade mais justa. Esse período representou uma fase crucial no desenvolvimento intelectual e político de Marx, preparando o caminho para suas futuras contribuições ao socialismo científico e ao movimento operário internacional.

Assim, ao acompanhar o trajeto que moldou o pensamento de Marx, presenciamos alguns aspectos e momentos da gênese das raízes teóricas do materialismo histórico dialético, como também os momentos cruciais de transição. Este estudo busca enriquecer nossa compreensão do pensamento marxiano, alertando-nos para não nos determos em simplificações que possam prejudicar nossa interpretação e capacidade de transformação da sociedade.

Referências:

Cornu, Auguste. **Carlos Marx, Federico Engels**: del idealismo al materialismo histórico. Buenos Aires: Platina; Stilcofrag, 1965.

Eidt, Celso. **O estado racional**: lineamentos da política de Karl Marx nos artigos da Gazeta Renana: 1842-1843. Belo Horizonte: UFMG/FAFICH, 1998.

Heinrich, Michael. **Karl Marx e o nascimento da sociedade moderna**: 1818 - 1841. Tradução de Claudio Cardinali. São Paulo: Boitempo, 2018.

Lukács, György. **O jovem Marx e outros escritos de filosofia**. Organização, apresentação e tradução de Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

Netto, José Paulo. **Karl Marx: uma biografia**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2020.

Marx, Karl. **Diferença entre a filosofia da natureza de Demócrito e a de Epicuro**. Tradução de Nélcio Schneider. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018.

Marx, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. Tradução e introdução de Florestan Fernandes. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

Marx, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel, 1843**. Tradução de Rubens Enderle e Leonardo de Deus. Supervisão e notas por Marcelo Backes. 2ª ed. revista. São Paulo: Boitempo, 2010.

LÖWY, Michael. **A teoria da revolução no jovem Marx**. São Paulo: Boitempo, 2012

MOTA, P. H. P. **Em busca do materialismo perdido**: a tese de doutorado de Karl Marx. Revista Angelus Novus, [S. l.], n. 14, p. 139-161, 2018.